

O SUPERGRUPO ESPINHAÇO NA SERRA DO CARAÇA

M.S. CORRÊA¹; G. Rossí²; Yuri B. W. Miranda²; J.H.D. Schorsch²
 IGc-USP (manoerculano@hotmail.com)
² IGc-USP

Na parte leste do Quadrilátero Ferrífero, município de Catas Altas, a Serra do Caraça é uma marcante feição fisiográfica de formato elíptico, com eixo maior de mais de 15 km, orientado norte-sul. Os quartzitos bastante homogêneos dessa serra há muito geram controvérsias na estratigrafia e tectônica do Quadrilátero Ferrífero. Já os trabalhos pioneiros definiam-os ora como uma seqüência independente, mais jovem, sobreposta à Série Minas (Série Itacolomi; posteriormente Supergrupo Espinhaço), ora como a unidade basal, Formação Quartzito Caraça basal da Série Minas. Com a evolução do conhecimento dos supergrupos Rio das Velhas, Minas e Espinhaço, novos enquadramentos estratigráficos foram propostos: Formação Quartzito Cambotas do Grupo Tamanduá considerado como o topo da Série Rio das Velhas (Arqueano) e, posteriormente, como a unidade basal, regionalmentedescontínua, da Série Minas (Paleoproterozóico); Grupo Caraça (Supergrupo Minas), e Supergrupo Espinhaço. A correlação das seqüências quartzíticas da Serra do Caraça àquelas da Serra do Espinhaço a norte do Quadrilátero Ferrífero já foi aventada desde os estudos pioneiros, dada a semelhança faciológica com as unidades basais do Supergrupo Espinhaço, nomeadamente das formações Sopa Brumadinho e São João da Chapada na região de Diamantina. Na Serra das Cambotas, a norte da Serra do Caraça, afloram depósitos típicos das formações Sopa Brumadinho e Galho do Miguel, cavalgados por seqüências itabiríticas do Supergrupo Minas. Datações de zircões detríticos do Supergrupo Minas e de unidades típicas do Supergrupo Espinhaço no Quadrilátero Ferrífero apontam para áreas fontes e idades de sedimentação idênticas. A evolução tectônica paleoproterozóica resultou em uma estruturação inversa das rochas arqueanas Rio das Velhas que cavalgam os quartzitos da Serra do Caraça, transportadas para oeste. As partes mais resistentes da crista da serra são cianita quartzitos, bastante recristalizados, com lineações minerais (cianita) com ângulo de caimento médio de 20° para leste. Os proeminentes falhamentos de direção norte-sul ao longo da serra representam cavalgamentos internos que geraram dobras de arraste para sul. Com a mesma cinemática ocorre o cavalgamento dos cianita quartzitos sobre os metarenitos que, neste contato, são verticais. Petrograficamente são caracterizados como metaquartzitoarenitos feldspáticos, com estratificações cruzadas acanaladas em *sets* decimétricos, raras vezes atingindo um metro. Quanto à granulação, variam localmente de finos até grossos, por vezes conglomeráticos mas, em sua maioria, representam pacotes uniformes de metarenitos de protolitos de grãos médios. Nas porções mais finas há um incremento de micas verdes e argilominerais, notadamente, caolim. Pirita disseminada mais abundante nestes níveis, porém, há piritas, já em elevado estágio de oxidação, em rochas de todas as granulometrias. No topo da seqüência são frequentes intercalações decimétricas de filitos verdes piritosos, na base conglomerados oligomíticos com seixos arredondados. Mais ao sul, ainda no topo da seqüência, foi possível a reconstrução palinspática, via desbasculamento, da orientação original geral de paleocorrentes para sul. A oeste ocorre o contato tectonizado com uma unidade de quartzitos com leitos centimétricos de cianita quartzitos. Estes repousam tectonicamente sobre quartzitos e metaconglomerados do Grupo Maquiné (arqueano), e juntamente com a unidade de cianita quartzitos a leste, representam as porções basais do Supergrupo Espinhaço, onde localizam-se os cavalgamentos para oeste da compressão paleoproterozóica. Este contato marca uma discordância, com reativação tectônica. Os cianita quartzitos e os metarenitos do corpo da Serra do Caraça representam partes basais do Supergrupo Espinhaço sendo aqui correlacionados às formações São João da Chapada e Sopa Brumadinho.

95

PETROGRAFIA, ESTRATIGRAFIA E GEOMORFOLOGIA DO GRUPO BAMBUÍ NA REGIÃO DE MORRO DA GARÇA (MG)

Leila Benitez¹; Gláucia Queiroga¹;
 Mario Luiz de Sá C. Chaves¹; Kerley W. Andrade²
¹ CPMTC-IGC/UFMG (glauciaqueiroga@yahoo.com.br;
 leilabenitez@gmail.com; mchaves@igc.ufmg.br)
² B/C-IGC/UFMG (kwandrade@yahoo.com.br)

O morro da Garça encontra-se no município homônimo, localizado no centro geodésico do Estado de Minas Gerais. Constitui uma estrutura de morfologia circular com 1,6 km de diâmetro, realçada cerca de 350 m acima de uma região extremamente plana. Em termos geológicos, a região compreendida entre Curvelo e Morro da Garça é recoberta por metassedimentos pertencentes ao Grupo Bambuí (Supergrupo São Francisco), de idade neoproterozóica, além de coberturas detrítico-lateríticas cenozóicas. Através de perfil geológico de detalhe efetuado no morro da Garça, foi possível entender seu arcabouço geológico, que se encontra bem preservado neste local, assim como a própria razão de existência de tal morfologia tendo por base a petrografia de seus litótipos.

Em toda a seção os mergulhos são muito suaves, variando entre 5 e 10° para NW, tendo direções das camadas entre N30-40°E. Nos entornos e na base do morro, encontra-se um metassiltito amarelado em níveis tabulares com 5-10 cm de espessura, às vezes com microlaminações internas que dão à rocha um aspecto de ritmo. Logo acima na seção, essas laminações desaparecem até que, na parte superior da seqüência ocorrem intercalados aos metassiltitos, lentes de uma rocha cinza-escura de aparência calcária, de granulação muito fina e estrutura maciça, inicialmente em bancos centimétricos que vão aumentando de modo gradual para o topo, até atingirem o porte de alguns metros. A rocha lenticular em questão, estudada petrograficamente, foi identificada como um metassiltito calcífero (70% mica branca + clorita; 20% carbonato; 10% quartzo). A espessura total dessa seqüência oscila em torno de 120 m, com repetição de um novo ciclo de metassiltitos laminados e metassiltitos calcíferos (maciços), este último mais delgado, onde ambas as litologias apresentam características similares às do ciclo anterior.

Na parte superior do perfil, afloram metarenitos amarelados ou esverdeados, impuros e de granulação fina a média, apresentando 40 m de espessura. Microscopicamente a rocha apresenta textura granoblástica, e a associação mineral principal é formada por quartzo (85%) e mica branca + clorita (10%). Os minerais acessórios (5%) incluem plagioclásio, com grau incipiente de saussuritização, microclina e minerais opacos. Sustentando o cume do morro, em torno de 20 m de espessura, ocorre uma rocha muito dura, silicificada, que análise microscópica revelou ser um metarenito carbonático, emboto de granulação fina a média e teor em carbonato mais baixo que o das lentes presentes na seqüência inferior.

De modo preliminar, correlaciona-se a seção basal pelito-carbonática do perfil, que inclui os entornos do morro da Garça, com a porção superior da Formação Serra da Saudade, a qual em outras regiões mais ao norte apresenta aspectos litológicos muito semelhantes. O topo do perfil, metarenítico e com cerca de 60 m de espessura, é correlacionado à Formação Três Marias. Esta formação, na Serra do Boiadeiro (localizada a oeste), passa a sustentar o relevo. As comparações de ordem petrográfica dessas rochas, com as que ocorrem na região de Plapora, uma das seções-tipo da Formação Três Marias, corroboram com tal correlação e, deste modo, a situação geológica peculiar permitiu com que o morro da Garça fosse preservado como um testemunho na paisagem regional. Estudos adicionais encontram-se em andamento, para tentar estender as correlações propostas a outras porções da bacia de sedimentação Bambuí.